

APRENDIZAGEM SITUADA E COMUNIDADES DE PRÁTICA: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ARTESÃS DA ASSOCIAÇÃO MÃOS NATIVAS NO CONTEXTO DA PRÁTICA SOCIAL

SITUATED LEARNING AND COMMUNITIES OF PRACTICE: A LOOK AT THE LEARNING PROCESS OF THE ARTISANS AT THE ASSOCIAÇÃO MÃOS NATIVAS IN THE CONTEXT OF SOCIAL PRACTICE

Ednalva Tavares de Mendonça Telinhos PEREIRA¹

Werner Bessa VIEIRA²


Isis Maria Monteles BASTOS³


Angela Valeria de AMORIM⁴


Patricia Carly de Farias CAMPOS⁵


Ana CUNHA⁶


Ceci Figueiredo de Moura SANTIAGO⁷


¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa/PT, iniciado em 2020), Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade Humanística Europa/Instituto Erasmo de Rotterdam, de Lisboa/PT (2019); professora concursada de Ciências Biológicas da Secretaria de Educação do município de Lauro de Freitas (BA). E-mail: ednalvatelinhos@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0001-6405-5762>.


² Doutorando em Educação pela Universidade Lusófona de Lisboa (Portugal), mestre em Ciências Biológicas (UnB, 2005); Professor do Centro Universitário Uniprojeção e de Ciências biológicas na Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: wernerbessavieira@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0001-9823-5366>

³ Doutoranda em Educação na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (Portugal); Mestre em Tecnologias Educacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (UFMA); Chefe da Divisão de Formação Profissional e Avaliação de Desempenho da PROGEP da Universidade Estadual do Maranhão; Supervisora Educacional da Secretaria de Educação do Maranhão; Professora das Séries Iniciais da Secretaria Municipal de Educação de São Luís, Maranhão. Atua com docência no ensino superior e projetos na área de educação. E-mail: isismonteles@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0001-6358-4582>.

⁴ Doutoranda em Ciências da Educação e mestre em CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (2011), revalidado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em (2016); professora do Instituto Federal de Pernambuco Abreu e Lima. E-mail: angela_samu@hotmail.com  <https://orcid.org/0000-0003-3252-5744>.

⁵ Doutoranda em Ciência da Educação. Possui mestrado em Engenharia Mecânica (UFPE, 2003). Atualmente professora do IFPE- Abreu e Lima. E-mail: patriciacarly@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0002-1482-7960>.

⁶ Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade Nova de Lisboa, pós-graduada em Ciências da Educação pela ULHT, onde frequenta o Doutorado em Educação, Diretora Executiva do Instituto Lusófono de Investigação e Desenvolvimento, e Professora Assistente na Universidade Lusófona. E-mail: ana.cunha@ulusofona.pt  <https://orcid.org/0000-0003-2522-402X>.

⁷ Doutoranda em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Mestre em Avaliação pela Fundação Cesgranrio; docente na UFRJ. E-mail: cecisantiago@globo.com  <https://orcid.org/0000-0003-0858-7435>

Resumo: O presente trabalho teve como proposta analisar o processo de aprendizagem com foco na participação e aplicação dos conceitos de comunidade de prática, tendo como referência para análise a Associação Mãos Nativas no Brasil. Estudo de caráter qualitativo e exploratório, procurou interpretar numa perspectiva socioconstrutivista, as interações sociais contextualizadas teoricamente com base nos conceitos de aprendizagem situada, considerando que a aprendizagem nesse contexto pode ser entendida como uma atividade focada no processo de participação periférica legitimada na participação e engajamento dos sujeitos envolvidos que se tornam participantes plenos. A aplicação do método qualitativo para análise decorre da necessidade de compreensão dos sentidos e significados construídos pelas pessoas inseridas a partir de suas experiências e relações. A coleta de dados e entrevistas configuraram-se como etapas fundamentais, considerando a necessidade de observação, seguidas por uma análise que ao longo desse estudo está descrita com ênfase na aprendizagem coletiva, processo de aprendizagem situada e práticas sociais.

Palavras-Chave: Aprendizagem Situada. Comunidades de Prática. Associação Mãos Nativas.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo teve como proposta explicitar como ocorre o processo de aprendizagem de artesãs no ambiente de trabalho, dentro de um contexto de prática social, e como isso pode levar a questionamentos sobre a crença do senso comum de que a aprendizagem acontece, unicamente, de uma maneira formal e a partir de uma “fonte de saber” para um indivíduo “vazio”. Contrariando o senso comum, artesãs de origem indígena Tupinambá, na Vila do Sauípe, Mata de São João, Bahia-Brasil, trazem uma bagagem cultural passada de geração a geração ao longo de centenas de anos. Essa bagagem serve de base para diferentes interpretações a respeito das experiências atuais e para o desenvolvimento de novos produtos.

As várias interações entre as pessoas que compõem a comunidade de artesãs Mãos Nativas e o compartilhamento de conhecimentos, crenças e práticas no ambiente de trabalho levam a um processo de aprendizagem não formal, que acadêmicos têm debruçado, em especial no contexto da aprendizagem situada. Um texto fundamental dessa abordagem é o de Lave e Wenger (1991), o qual enfatiza a ideia de que a aprendizagem das pessoas acontece quando estas participam da prática social. Os indivíduos aprendem não só por intermédio da execução de certas atividades, mas, também, pelo estabelecimento de relacionamentos sociais com determinados sujeitos, em circunstâncias específicas. As atividades, tarefas e os entendimentos que as pessoas formam sobre as coisas significativas em sistemas mais amplos os quais são desenvolvidos em comunidades sociais. Desenvolvendo a abordagem da aprendizagem situada, os autores defendem que os aprendizes aprendem com os outros aprendizes e, participando da prática, negociam e renegociam significados (Lave & Wenger, 1991).

Diante do exposto, este artigo tem por objetivo identificar, analisar e compreender como ocorre o processo de aprendizagem situada a partir da participação e legitimidade nas práticas de uma comunidade de aprendizagem de artesãs de origem indígena Tupinambá, da Vila de Sauípe, Mata de São João, litoral norte do estado da Bahia, Brasil, assim como o efeito desse processo no desenvolvimento desta comunidade específica.

Para atingir um entendimento mais embasado sobre diferentes aspectos do processo de aprendizagem situada e comunidades de prática, foi realizada uma revisão das bases conceituais que definem a aprendizagem situada, a comunidade de prática e a articulação das práticas sociais do trabalho com participação, legitimidade e engajamento. Além disso, a pesquisa de contextualização da maneira como a comunidade surgiu e se mantém; seus personagens, fracasso e resiliência visa mostrar a importância da aprendizagem para o desenvolvimento da associação Mãos Nativas. Para isso, foram realizadas pesquisas em sites que já tinham divulgado o trabalho das artesãs e no próprio site da associação Mãos Nativas. Também fizemos entrevistas por videoconferência com os personagens que formam a comunidade para verificar situações de aprendizagem no dia a dia do trabalho e analisamos vídeos que registram o trabalho da associação. Importante destacar que todos os inúmeros vídeos analisados foram produzidos pelas artesãs e cedidos gentilmente. Estão registrados todos os pormenores da prática das artesãs, desde a colheita da piaçava, na mata atlântica, até a confecção dos produtos. Também recorremos a uma seleção de fotos tiradas por elas mesmas que detalham o passo a passo da prática de confecção dos produtos artesanais com a palha da piaçava.

2. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO MÃOS NATIVAS: CONHECENDO O CONTEXTO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA

A associação foi criada em 2009, quando um grupo de mulheres decidiu produzir o artesanato com palha. Era apenas uma associação, porém não sabiam trabalhar em equipe. Em agosto de 2020, a Odebrecht Realizações - OR - desenvolveu o “Projeto Tupinambá”, um nome que faz referência à ancestralidade da região e ao resgate da identidade dos índios. O conhecimento tradicional inspira os produtos confeccionados pelas artesãs que buscam fortalecer a cultura do trançado de palha e influenciar positivamente a comunidade do entorno do empreendimento Reserva Sauípe.

O projeto contempla a construção de uma sede, no Eco Parque Sauípe, na qual as artesãs possam executar o seu trabalho e comercializá-lo no mesmo espaço, além de potencializar a rota turística do Parque. Também são oferecidas orientações desde a produção da palha até capacitação comercial – com noções em gestão de negócio, finanças, marketing, e-commerce e secretariado, embasamentos necessários para que o negócio seja sustentável e para que as artesãs sejam capazes de viver da renda do artesanato. A partir da criação da Casa Tupinambá, elas aprenderam a trabalhar em equipe e já conseguiram reconhecimento nacional do produto que também é vendido para o exterior. Criaram um perfil no Instagram a partir do qual exibem a produção e recebem encomendas. Vale ressaltar que, antes da criação desse projeto, os

produtos eram comercializados no Centro de Artesanato da Praia do Forte, distante vinte quilômetros da Vila do Sauípe. Hoje, produzem e comercializam os produtos na Casa Tupinambá. Essa prática surgiu como uma forma de resgatar a cultura dos índios tupinambás, os primeiros habitantes da Vila do Sauípe, litoral Norte do Estado da Bahia – noventa quilômetros da capital (Salvador).

Há onze anos, a Associação Mãos Nativas foi formada por cerca de vinte artesãs que sentiram a necessidade de resgatar uma cultura esquecida e de garantir seu próprio sustento com a confecção de produtos artesanais utilizando a palha da palmeira (mais conhecida como piaçava), retirada da mata onde residem de forma sustentável. O primeiro passo é a retirada das palhas do olho da planta, pois esse processo permite o crescimento de novas palhas e não destrói a árvore que se encontra nos campos próximos ao convívio social. Com a matéria-prima colhida confeccionam os produtos e comercializam, garantindo, com isso, o próprio sustento e de suas famílias. Os produtos confeccionados pelas artesãs são objetos como bolsas, carteiras, tapetes, esteiras, almofadas, luminárias, jogos americanos, cestos, porta-guardanapos, porta-talheres, porta-copos, entre outros.

A criação da Casa Tupinambá gerou também o incentivo para que outras mulheres da comunidade passassem a fazer parte do grupo, num movimento de percepção de valor de outras artesãs da região ao longo do projeto, o que motivou a integração à Associação Mãos Nativas.

2.1.2 A APRENDIZAGEM SITUADA E COMUNIDADES DE PRÁTICA: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E CONTEXTUALIZAÇÃO

Pensar e analisar processos de aprendizagem não é uma tarefa fácil no contexto atual, especialmente quando se pretende refletir sobre esses aspectos no contexto de práticas de trabalho. Mas não se pode deixar de considerar a importância e contribuição da Teoria da Aprendizagem Situada associada ao conceito de comunidade de prática (Lave & Wenger, 1991) pois permitiu perceber as formas como os aprendizes ou participantes dessas comunidades se relacionam e, conseqüentemente, como aprendem.

Para Lave e Wenger (1991), a aprendizagem é entendida como implicitamente ligada ao contexto no qual o processo se caracteriza por uma participação periférica legitimada, considerando que esta é a forma inicial de aceitação de um membro de determinada comunidade forma que este possa aprender e ter acesso às práticas (Lave e Wenger, 1991). Sendo assim, a aprendizagem é um processo de participação em comunidades de prática legitimada, complexa e engajada, sendo essa uma parte integrante do que se conhece como prática social. Segundo Gudolle et. al. (2012), há quatro elementos da teoria da aprendizagem situada pela participação periférica legitimada que necessitam ser considerados nesse estudo, a saber: o pertencimento para aprendizagem, a participação legitimada, a periferalidade e a comunidade

de prática. No primeiro elemento, considera-se a estreita relação entre o social e a aprendizagem enquanto fator determinante a toda a atividade em grupo e social, ainda mais pelo olhar de que os envolvidos o são por relações materiais, mas também sociais. Nesse sentido, Lave e Wenger (1991) entendem que isso se dá de forma consciente, e a aprendizagem tem o papel não somente de produção, mas sim de reprodução social com características específicas de tempo e espaço. Ao considerar o conceito de comunidade de prática, ressalta-se o diferencial do conceito de educação que comumente se conhece, o pertencimento dos membros a essa comunidade.

Chega-se a um conceito fundamental, que se refere à participação de novos membros na comunidade, conceito este que é o de participação legítima voltada a uma cultura da organização, determinante do sentido de pertença como condição para envolvimento e aprendizagem. O trabalho e aprendizagem estão de tal forma relacionados que a prática é o fator de engajamento de todo o grupo. Perifericidade, entendida não como um mero conceito físico - na medida em que central e periférico não são uma simples medida da quantidade de conhecimento que se adquiriu, mas como relacionados ao engajamento e participação na comunidade (Lave & Wenger, 1991) - também se faz relevante a esse contexto pois está relacionado à participação dos membros como partes dessa rede ou comunidade, o que remete ao conceito de unidade e que faz toda diferença no contexto do grupo ou do todo.

Esse fato é fundamental, pois através da articulação desses conceitos a prática é entendida como práticas de grupos sociais dotadas de sentido e significado para este grupo, o que lhes facilita perpetuação e legitimação (Lee & Roth, 2003). O conceito de aprendizagem nesse sentido é visto como uma ação ou atividade relacionada ao contexto característico de participação periférica legítima pois para Lave & Wenger (1991) a aprendizagem é um processo de participação inicialmente periférica legitimada e gradualmente aumenta em complexidade e engajamentos. Nesse contexto, a participação dos aprendizes dessas comunidades e a aprendizagem ocorre sempre e quando novos membros começam a dominar habilidades aprendidas, construídas e colaboradoras; posteriormente demonstram atitudes capazes de provam que essa participação tornou-se legítima.

A partir dessas aproximações conceituais, pode-se dizer que uma Comunidade de Prática - CoP, caracteriza-se pelo interesse comum, pela possibilidade de interação e pelas relações entre os sujeitos, não somente pelo conhecimento, mas pela prática, que se configura num saber compartilhado coletivamente. Para se falar de uma CoP, é necessário destacar um domínio, entendido como a área de convergência de interesse dos membros da comunidade e que se configura como base comum a conferir um sentido de identidade⁸.

⁸ Identidade entendida na perspectiva antropológica de que o ser humano pertence a grupos e a cultura é o contexto no qual está imerso.

3 METODOLOGIA ADOTADA PARA ESSE ESTUDO

A aplicação da metodologia qualitativa nesse estudo dá-se por cinco características (Yin, 2016) que descrevem os fins desse estudo:

1. Apresentar o estilo de vida das pessoas em condições reais;
2. Representar as opiniões e perspectivas dessas pessoas, aqui intituladas como participantes;
3. Abranger condições contextuais de vida dessas pessoas;
4. Contribuir para revelações e aplicações de conceitos existentes e emergentes, neste caso, aprendizagem situada e comunidades de prática;
5. Relacionar evidências a contextos práticos de estudo.

Assim, com base em Geertz (1973), enquanto pesquisadores nesse processo, pretendemos estudar a cultura de um povo ou lugar, ultrapassar a mera descrição e partir para uma interpretação que leve em consideração as construções do pesquisador em relação com o espaço e o contexto. Assim, este é um estudo baseado na metodologia qualitativa, descritiva e exploratória. Para coleta de dados, utilizamos a observação da forma como as artesãs desenvolvem e adquirem o conhecimento e a aprendizagem, considerando os eventos que estão sendo estudados e os contextos políticos, históricos e socioculturais em que seus trabalhos se desenvolvem (Crabtree & Miller, 1992). Pretende-se, nesse processo de observação, entender como ocorre a aprendizagem, seja ela de forma espontânea ou assistemática; além disso, observar é uma fonte de conhecimento sobre o ser humano e sobre aquilo que o cerca (Barros & Lehfeld 2014).

Para Gil (2019), esse método observacional é um dos métodos mais antigos e ao mesmo tempo o mais moderno, pois possibilita uma investigação social sobre o homem, fatos e contextos históricos. Segundo Marconi & Lakatos (2017), a observação direta intensiva é um tipo de observação que “utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (p.57).

Para este estudo, a população escolhida foi a das artesãs que participam do projeto Tupinambá, localizado na Vila do Sauípe, Mata de São João, litoral Norte do Estado da Bahia – Brasil. A partir dos discursos, das imagens, dos vídeos extraídos das entrevistas e coletas, procedeu-se à análise do conjunto de dados, que resultou nas categorias e conceitos aqui analisados em vários momentos, como identificação dos grupos de trabalho, levantamento das práticas e observações das interações no desenvolvimento da prática observada. De forma complementar à coleta de informações, também foram realizadas entrevistas remotas voltadas ao conhecimento do pertencimento e participação, além de peculiaridades ligadas ao

processo de aprendizagem das artesãs em diversos níveis (de iniciante a veteranas). Com a utilização dessas ferramentas, foi possível perceber aspectos como processo de aprendizagem, engajamento, dificuldades e pertencimento social.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 ASSOCIAÇÃO MÃOS NATIVAS: CONHECENDO O CONTEXTO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA

A valorização do saber ancestral para o desenvolvimento das comunidades da Vila do Sauípe, em especial a casa das artesãs Tupinambá, é o ponto de partida para o desenvolvimento dessa pesquisa. Ao realizarmos o contato com as artesãs da associação, observamos os trabalhos desenvolvidos e elas também responderam a uma entrevista com questões abertas por meio de videoconferência. Por conta da pandemia do covid – 19, a associação não está recebendo visitas, mas continuam confeccionando os produtos para comercialização.



Figura 1: As artesãs da Associação Mãos Nativas. Fonte: Associação Mãos Nativas, 2021

Seguem imagens de práticas que surgiram como uma forma de resgatar a cultura dos índios Tupinambás, os primeiros habitantes da Vila do Sauípe, litoral norte do Estado da Bahia (noventa quilômetros da capital, Salvador).



Figura 2: Colheita da piaçava. Fonte: Associação Mãos Nativas, 2021.

O primeiro passo dessa prática é a retirada das palhas. As artesãs vão até a mata atlântica (caminham cerca de quatro quilômetros até o local), uma vez por mês, de uma maneira descontraída e demonstrando certa satisfação em retirar um produto criado pela natureza, para confeccionar produtos e comercializá-los, garantindo, com isso, o próprio sustento e de suas famílias. Das quatorze mulheres que hoje formam a associação, são escolhidas apenas cinco para esse processo.



Figura 3: Local de colheita do material. Fonte: Associação Mãos Nativas, 2021

Depois de retiradas, as palhas são levadas para a associação (mais quatro quilômetros de caminhada, só que dessa vez com as palhas nos ombros), onde são arrumadas e colocadas em uma grande panela para cozinhar.



Figura 4: Processo de cozimento da piçava. Fonte: Associação Mãos Nativas, 2021

É preciso deixar a água ferver por quinze minutos, tempo suficiente para as palhas serem cozidas. Depois de retiradas da panela e arrefecidas naturalmente, as artesãs fazem um tipo de roda com as palhas (enrola-se as palhas) e as colocam para secar ao ar livre, durante cinco dias. Elas são colocadas em cima de uma espécie de cama de palha para evitar o contato direto com o chão, evitando, assim, sujar a palha.



Figura 5: Palha tratada para fabricação de peças. Fonte: Associação Mãos Nativas, 2021

Depois de secas, as palhas sofrem um processo de riscagem (são dados cortes na palha em forma de tiras) e começa, então, a tintura, com produtos naturais extraídos da mesma mata de onde são retiradas as palhas (capianga, urucum e cipó-de-rêgo). A capianga, também conhecida como lacre, é utilizada na indústria de corantes e madeira por possuir um látex alaranjado bastante resinoso. As artesãs obtêm a cor laranja com essa planta. O urucum também é utilizado como corante em produtos cosméticos e nas indústrias têxtil e de tintas. Na culinária, a trituração das sementes dá origem ao colorau, utilizado como condimento alimentar. Do urucum, as artesãs também conseguem pintar as palhas na cor laranja. O cipó-de-rêgo, nome popular de uma planta da família das Sapindáceas, é utilizado para pintar as palhas de rosa (goiaba).



Figura 6: Peças tingidas naturalmente. Fonte: Associação Mãos Nativas, 2021

Há, ainda, um processo em que as artesãs colocam as palhas embaixo da lama, à beira de uma lagoa, durante oito dias, para que adquiram a cor preta. Depois de oito dias, as palhas são retiradas da lama e lavadas. Depois, são colocadas numa panela com cipó-de-rêgo, para adquirir a cor vinho. O passo seguinte é fazer um trançado, que depois é costurado. Está pronto para produzirem os objetos: bolsas, carteiras, tapetes, esteiras, almofadas, luminárias, jogos americanos, cestos, porta-guardanapos, porta-talheres, porta-copos, entre outros.

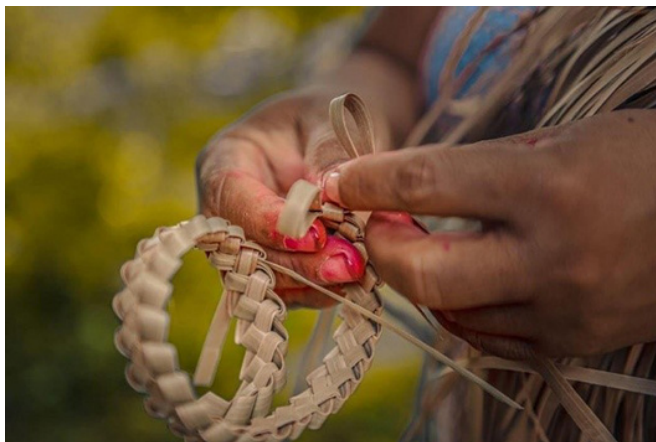


Figura 7: Trançado para construção de peças. Fonte: Associação Mãos Nativas, 2021



Figura 8: Peças prontas para comercialização. Fonte: Associação Mãos Nativas, 2021



Figura 9: Organização da Associação Mãos Nativas. Fonte: Associação Mãos Nativas, 2021

A criação da Casa Tupinambá gerou também o incentivo para que outras mulheres da comunidade passassem a fazer parte do grupo, num movimento de percepção de valor de outras artesãs da região ao longo do projeto, o que as motivou a se integrarem à Associação Mãos Nativas.

4.2 O CONTEXTO DA APRENDIZAGEM SITUADA E COMUNIDADE DE PRÁTICAS: O SABER ANCESTRAL DA ASSOCIAÇÃO MÃOS NATIVAS.

A valorização do saber ancestral para o desenvolvimento das comunidades da Vila do Sauípe, em especial a casa das artesãs Tupinambá, é o ponto de partida para o desenvolvimento dessa pesquisa. As artesãs estavam desanimadas com a pouca valorização do seu trabalho e com a perda, em parte, das práticas realizadas pelos seus ancestrais. Foi aí que surgiu o grupo Odebrecht Realizações - OR, que prestou assessoria às artesãs no desenvolvimento da comunidade e no resgate das práticas ancestrais.

Deve-se destacar que as 14 mulheres que hoje compõem o grupo de artesãs tinham como características comuns o desejo de transformação pessoal e de suas famílias por meio do artesanato, como dito por elas mesmas: “Somos Guerreiras”. Foi por meio de reuniões promovidas pela OR que as artesãs identificaram desejos comuns na atividade de artesanato, como a melhoria de suas vidas, de sua renda e de seu desenvolvimento pessoal como ser produtivo.

O grupo viu que a pintura das palhas com tintas artificiais, apesar de ser mais fácil, não agregava valor ao produto, nem tão pouco valorizava seus antepassados. Por isso resolveram usar tintas naturais, agregando mais valor ao produto final. O trabalho era feito com amor e trazia orgulho à comunidade.

Perceberam que era necessário fazer outros produtos e não somente bolsas, por isso aprenderam umas com as outras a trançar cortinas, tapetes e almofadas, aumentando assim o número de produtos em suas exposições.

Algumas habilidades foram desenvolvidas pelas artesãs, tais como fotografia, divulgação em mídias sociais e novos processos de criação, aliás, processos estes totalmente restritos às artesãs. O próprio local de trabalho foi melhorado, mas manteve características que remetem aos antepassados. Com um formato de oca e com cobertura de grama sintética que lembra a palha usada nos telhados das tribos Tupinambás, o local de produção, exposição e venda dos artesanatos é hoje um retorno ao passado com toques de um futuro próspero.

De acordo com Gherardi et. al. (1998), há um pensamento comum na sociedade que a aprendizagem só pode ocorrer em ambientes organizacionais específicos. Todavia, a criação do conhecimento pode se dar em qualquer ambiente, sendo o ambiente de trabalho um possível local onde as pessoas negociam os significados de palavras, ações, situações e artefatos materiais.

Para Gherardi et. al. (1998), o conhecimento não reside na cabeça de uma pessoa, em livros ou em bases de dados, mas sim na competência de participar de uma rede complexa de relacionamentos de pessoas e atividades que possibilitem o aprendizado.

A abordagem da aprendizagem situada é considerada inovadora para a pesquisa em educação, psicologia cognitiva e teoria da aprendizagem, porque é elaborada a partir de muitos insights relevantes da sociologia e da antropologia, em que se enfatizam os processos sociais e da prática e extrapolam-se os limites da aprendizagem formal que ocorre na sala de aula (Fox, 1997).

Aspectos como a cultura de uma sociedade, sua história, tecnologia, desenvolvimento de atividades de trabalho, carreira e as relações entre os indivíduos novatos e os experientes e entre pares e profissionais são práticas sociais inseparáveis da aprendizagem (Lave & Wenger, 1991).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados e analisados na Associação Mãos Nativas resultaram na identificação de características nas atividades das artesãs que trabalham em grupo, levantamento das práticas e observações das interações no desenvolvimento da prática observada entre elas. A observação foi realizada através de vídeos de registro da prática efetiva em todos os processos da associação, bem como por entrevistas realizadas remotamente mas em tempo real com as artesãs, a partir de videoconferências.

Também foram realizadas entrevistas remotas voltadas ao conhecimento do pertencimento e participação, além de peculiaridades ligadas ao processo de aprendizagem das artesãs. Foi possível perceber aspectos como processo de aprendizagem, engajamento, dificuldades e pertencimento social. Segundo Gherardi et. al (1998), pode-se perceber a competência de participar de uma rede complexa de relacionamentos de pessoas e atividades que possibilitem o aprendizado na sociedade, que a aprendizagem só pode ocorrer em ambientes organizacionais específicos como está estabelecido pela participação das artesãs na Associação Mãos Nativas.

O resgate da cultura dos índios tupinambás, os primeiros habitantes da Vila do Sauípe, foi umas das características da criação da Associação Mãos Nativas, que já existia há 11 anos, contemplada por 20 artesãs que resgataram uma cultura esquecida e garantiram seu próprio sustento, a partir da confecção de produtos artesanais utilizando a palha da palmeira.

O resgate do conhecimento da utilização do tingimento da palha através da tintura com produtos naturais extraídos da mesma mata de onde são retiradas as palhas (capianga, urucum e cipó-de-rêgo), uma técnica que demonstra preocupação com sustentabilidade no processo de trabalho e com o ambiente, pois as palhas são retiradas com cuidado para não desmatar as palmeiras e essas orientações são

passadas para algumas artesãs. Para Lave e Wenger (1991), a aprendizagem ocorre como um processo de participação periférica legítima e ocorrendo gradualmente com complexidade e engajamento. Pode-se observar que habilidades estão sendo transmitidas para suas filhas e sobrinhas que também já contribuem em algumas habilidades desenvolvidas pelas novas artesãs, tais como fotografia, divulgação em mídias sociais e novos processos de criação, aliás, processos estes totalmente restritos às artesãs.

Concluimos que a aprendizagem situada é diferente da educação formal, uma vez que no primeiro a atuação dos membros é fundamentalmente relevante no processo de construção, e é esse processo resultado de uma interação social, em uma comunidade e atividade prática, em diferentes lugares que envolvem culturas e valores específicos de uma determinada população que compartilha saberes e experiências em grupos de convivências.

Com esse estudo pretendemos contextualizar a teoria da aprendizagem situada associada ao surgimento e aos estudos relevantes sociais e educacionais, para tanto, apresentamos aspectos chave da teoria como a participação periférica legítima, comunidades de prática, abordando os aspectos socioculturais dessa abordagem.

Assim, fizemos na perspectiva de aplicação dos conceitos de aprendizagem situada com foco na análise e aplicação de uma associação de artesãs em que os processos educacionais muitas das vezes se confundem com aspectos sociais e culturais. Entre os aspectos mais relevantes dessa aproximação e desse estudo, foi perceber que a Associação Mãos Nativas é constituída, por ser uma comunidade construída por membros que estão interessados em aprender o que precisam saber para melhor desempenharem suas funções do dia a dia, e que conceitos como o de participação periférica legítima são de grande relevância aos estudos educacionais por permitir que possamos ver o aprendente como alguém que aprende e interage de forma progressiva.

Estes e outros aspectos nos permitem perceber que ao unir conhecimento e aprendizagem individual à cultura do grupo e da comunidade, permitem o fortalecimento do sentimento de pertença, por meio da construção e reconstrução de significados, mas principalmente que os membros se vejam como sujeitos sociais ativos.

PEREIRA, E. T. M. T.; VIEIRA, W. B.; BASTOS, I. M. M.; AMORIM, A. V.; CAMPOS, P. C. F.; CUNHA, A.; SANTIAGO, C. F. M. Situated learning and communities of practice: a look at the learning process of the artisans at the associação mãos nativas in the context of social practice. *Educação em Revista*, Marília, v. 22, n. 2, p. 105-120, 2021.

Abstract: The objective of this paper was to analyse the learning process focusing on the participation and application of the concepts of community of practice, having as reference for analysis the Associação Mãos Nativas in Brazil. The study carried out was of a qualitative and exploratory nature and sought to interpret, from a socio-constructivist perspective, the social interactions theoretically contextualized based on the concepts of situated learning, considering that learning in this context can be understood as an activity that is focused on the peripheral participation process legitimized in the participation and engagement of the subjects involved who become full participants. The application of the qualitative method for the analysis was due to the need to understand the senses and meanings built by the people inserted from their experiences and relationships. Data collection and interviews were fundamental steps, given the need for observation, followed by an analysis that throughout this study is described with emphasis on collective learning, situated learning process and social practices.

Keywords: Situated Learning, Communities of Practice, Associação Mãos Nativas.

6 REFERÊNCIAS

- BARROS, A. J. S; LEIHFELD, N. A. S. (2017). *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*. 10ª ed. São Paulo: Atlas.
- CRABTREE, B. F., & MILLER, W. F. (1992). *A template approach to text analysis: Developing and using codebooks*. In B. F. Crabtree & W. L. Miller (Eds.), *Research methods for primary care, Vol. 3. Doing qualitative research*, Sage Publications, Inc, p. 93–109.
- FOX, S. (1997). From management education and development to the study of managerial learning. In: J. Burgoyne; M. Reynolds. *Management learning: integrating perspectives in theory and practice*. London: Sage Publications, p. 102-120.
- GEERTZ, C. (1973). *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books.
- GIL, A. C. (2019). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 7ª ed. São Paulo: Atlas.
- GHERARDI, S; NICOLINI, D. & ODELLA, F. (1998). Toward a social understanding of how people learn in organizations. *Management learning*, 29 (3), 273-297.
- GUDOLLE, L. S; ANTONELLO, C. S; & FLASH, L. (2012). Aprendizagem situada, participação e legitimidade nas práticas de trabalho. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 13, n. 1, 14-39, fev./2012. <https://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712012000100002>
- LAVE, J. & WENGER, E (1991). *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEE, S. & ROTH, W, M. (2003). *Becoming and Belonging: Learning Qualitative Research Through Legitimate Peripheral Participation*. Forum: Qualitative Social Research / Forum Qualitative Sozialforschung. 4(2).
- MARCONI, M. A.; Lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas.
- YIN, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Editora Grupo A, 2016.

Recebido em: 09/06/2021.

Aprovado em: 05/07/2021.

